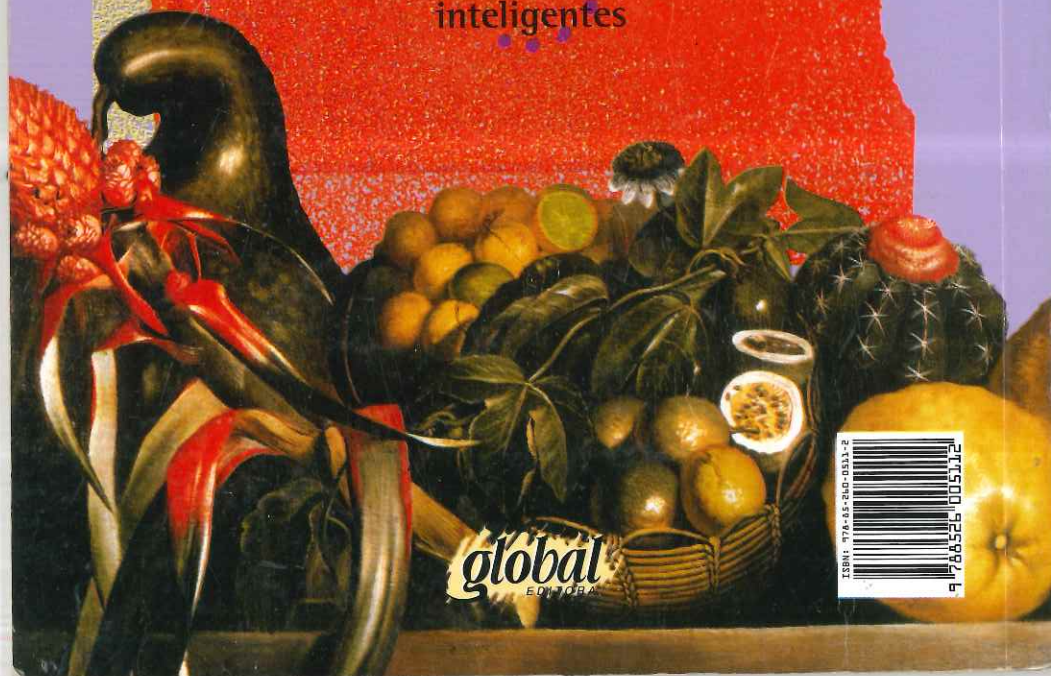


Esta é uma história sobre
a amizade. Discute preconceitos,
não só quanto à religião e à cor de pele,
mas também, e essencialmente,
às ideias, aos sentimentos e às emoções.

COLEÇÃO
JOVENS
inteligentes



global
EDITORA



Moacyr Scliar

um sonho no **caroço do abacate**



g

Luís Felipe de Oliveira Gonçalves

um sonho no **caroço do abacate**

COLEÇÃO
jovens
inteligentes

Direção Editorial
EDLA VAN STEEN

Moacyr Scliar

um sonho no
**caroço do
abacate**

global
EDITORA



© Moacyr Scliar, 1995

8ª EDIÇÃO, GLOBAL EDITORA, SÃO PAULO 2002

4ª REIMPRESSÃO, 2010

Diretor-Editorial

JEFFERSON L. ALVES

Gerente de Produção

FLÁVIO SAMUEL

Coordenadora-Editorial

DIDA BESSANA

Assistente-Editorial

TATIANA F. SOUZA

Capa

CAMILA MESQUITA

Ilustrações

CÉSAR LANDUCCI

MAURICIO NEGRO

Revisão

TATIANA Y. TANAKA

Editoração Eletrônica

TATHIANA A. INOCÊNCIO

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Scliar, Moacyr, 1937 —

Um sonho no carço do abacate / Moacyr Scliar ; ilustrações
Maurício Negro e César Landucci. — 8ª ed. — São Paulo :
Global, 2002. — (Jovens Inteligentes).

ISBN 978-85-260-0511-2

1. Literatura infantojuvenil. I. Landucci, César, 1956—. II.
Negro, Maurício. III. Título. IV. Série.

94-2637

CDD-028.5

Índices para catálogo sistemático:

- | | |
|------------------------------|-------|
| 1. Literatura infantojuvenil | 028.5 |
| 2. Literatura juvenil | 028.5 |

Direitos Reservados



**GLOBAL EDITORA E
DISTRIBUIDORA LTDA.**

Rua Pirapitingui, 111 – Liberdade

CEP 01508-020 – São Paulo – SP

Tel.: (11) 3277-7999 – Fax: (11) 3277-8141

e-mail: global@globaleditora.com.br

www.globaleditora.com.br



Colabore com a produção científica e cultural.
Proibida a reprodução total ou parcial desta obra
sem a autorização do editor.

Nº de Catálogo: 1941

Obra atualizada
conforme o
**Novo Acordo
Ortográfico da
Língua
Portuguesa**

*Para Edla van Steen,
escritora, amiga, incentivadora.*

MOACYR SCLiar (1937) é de Porto Alegre, no extremo sul do Brasil. Descendente de emigrantes judeus russos, sua temática é influenciada pelo judaísmo e pela experiência da emigração, bem como pela visão social resultante de sua experiência como médico de Saúde Pública. Tem cerca de trinta livros – romance, conto, ensaio, crônica. Suas principais obras (*O centauro no jardim*, *A estranha nação de Rafael Mendes*, *O exército de um homem só*, romances, e *A orelha de Van Gogh*, contos) foram publicadas nos Estados Unidos, França, Alemanha, Espanha, Israel e em outros países, despertando a admiração da crítica. É detentor dos seguintes prêmios, entre outros: Prêmio Guimarães Rosa, Prêmio Brasília, Prêmio da Associação Paulista de Críticos de Arte, Prêmio Casa de las Américas, Prêmio Pen Clube do Brasil. Colabora em vários periódicos da imprensa nacional e estrangeira, já teve obras adaptadas para cinema, teatro e televisão; viaja frequentemente ao exterior para conferências e encontros. Seu último livro é *Sonhos tropicais*, biografia romaneada de Oswaldo Cruz.

SEMPRE ME PERGUNTAM se os meus livros são autobiográficos – e eu sempre respondo a mesma coisa: todo escritor, quando começa, é autobiográfico. Com o tempo ele acaba se libertando de suas lembranças pessoais e aprende a criar personagens que adquirem existência autônoma. Isto não quer dizer que a gente não se volte para o próprio passado em busca de inspiração. Vale a pena, sim, lembrar a nossa própria história, quando há nela passagens que podem interessar a todos.

Minha infância e minha juventude foram marcadas pela sombra do preconceito – de vários tipos de preconceito. Há coisas que hoje parecem até incríveis, porque, apesar dos pesares, o mundo e o país melhoraram muito. Mas é suficiente lembrar que até há alguns anos, nos Estados Unidos, os negros não podiam entrar em lugares frequentados pelos brancos, para que nos demos conta da intensidade do racismo.

Eu tive a sorte de nascer no Brasil. Se meus pais não tivessem emigrado, se tivessem ficado na Europa, como muita gente de nossa família, eu poderia nem ter nascido – ou poderia virar cinza num forno crematório, como aconteceu a muitas crianças. Escapei deste destino e por isso sou grato ao nosso país. Que,

no entanto, não está totalmente livre da intolerância. Desde pequeno eu sabia que, por ser judeu, era diferente; fui ofendido algumas vezes, meti-me também em brigas, bati, apanhei. Felizmente não passou disto. Contudo, o fato foi importante para sensibilizar-me para outros tipos de preconceito, mesmo no meu grupo familiar. Porque a tragédia da intolerância é esta: ela faz com que os perseguidos, pelo medo, se fechem em seu pequeno círculo. A intolerância gera mais intolerância.

Não estou só me referindo à religião ou à cor da pele. Estou me referindo a ideias, a sentimentos, a emoções. Minha geração, que não conheceu a ameaça da Aids, era, no entanto, muito reprimida sexualmente. Os jovens de hoje correm mais riscos – mas em compensação têm mais liberdade.

Eu queria escrever sobre estas coisas. Não para dar lições, mas simplesmente para compartilhar com os leitores estas experiências. E também pelo prazer de contar uma história. Que é feita de lembranças pessoais, e é feita também de confiança e esperança. E falando em esperança, espero que vocês gostem deste “sonho”.



MEUS FILHOS NÃO VÃO passar pelo que eu passei, costumava dizer meu pai, entre solene e divertido, entre amargo e esperançoso. Mais não falava, mas todos nós sabíamos a que ele se referia: a fome, a pobreza, a humilhação.

Como muitos outros, meus pais, judeus lituanos, tinham emigrado para o Brasil em busca de uma vida melhor. Embora muitas vezes falassem com terna nostalgia da aldeia em que ambos haviam nascido e se criado, as lembranças que de lá traziam não eram nada agradáveis. Gente pobre, eles haviam passado necessidade; meu pai lembrava um inverno rigoroso no qual todas as

refeições do dia se resumiam em três batatas – podres, muitas vezes. E ainda havia a ameaça dos tanques dos antissemitas, que periodicamente invadiam a aldeia, surrando, ferindo – e às vezes matando – os judeus. Tudo isto eles suportaram. Quando, porém, Hitler ascendeu ao poder, meu pai começou a achar que era hora de partir. Não conseguiu convencer os irmãos – eram sete, todos mais velhos que ele – e muito menos os pais. Isto vai passar, diziam, Hitler não é o primeiro maluco que chega ao poder; fala muito, mas não cumprirá suas ameaças. Depois de muita discussão, meu pai e minha mãe, recém-casados, decidiram partir sozinhos: se acontecesse alguma coisa, e tinham certeza de que alguma coisa haveria de acontecer, teriam condições de receber os parentes na América.

Emigrar foi bem mais difícil do que imaginavam. Os países relutavam muito em receber judeus; finalmente meu pai conseguiu – milagrosamente, como diria depois – vistos para um país do qual pouco sabia: o Brasil. Minha mãe não tinha a menor ideia de onde ficava este lugar, e achava que era habitado por índios; meu pai, porém, mostrou-lhe fotos de grandes cidades, disse que teriam ali muitas oportunidades. Mas o que convenceu mesmo minha mãe foram o açúcar e as frutas.

Açúcar para eles era uma coisa rara, e cara. Vinha em cubinhos, com os quais adoçavam o chá. Mas não colocavam um cubinho no chá, não; seguravam-no entre os dentes e iam tomando o líquido, que ia dissolvendo o açúcar pouco a pouco; desta forma, durava mais.

Quanto às frutas, minha mãe simplesmente as adorava; mas eram ainda mais caras que o açúcar. De vez em quando, num dia de festa, compravam uma laranja, dividiam-na, e cada um saboreava lentamente o seu gomo. Uma vez convidaram o rabino da aldeia vizinha para um almoço. A sobremesa era uma laranja, dividida da forma habitual. Só que o santo homem, ignorando (ou fingindo ignorar) que deveria ser partilhada, comeu-a toda, deixando a família sem sobremesa. Com banana era a mesma coisa: cortavam-na em fatias – e cada um comia uma fatia. O sonho de minha mãe, porém, era abacate. Que existia na Europa, claro; mas era tão caro que ela jamais o experimentara. O que excitava-lhe ainda mais a imaginação: deveria ser um manjar divino, o abacate, coisa para reis e rainhas.

Quando meu pai disse que estas coisas todas no Brasil eram extremamente comuns, minha mãe ficou maravilhada.

– É verdade? – perguntava, com os olhos brilhando. – É verdade que a gente lá pode comer laranja à vontade?

– É verdade.

– E banana?

– Banana! – Meu pai riu. – Banana é coisa que até os pobres comem, às dúzias.

– E – minha mãe mal ousava levantar a dúvida – abacate? Abacate dá para gente como nós comprar?

Isso meu pai não sabia; mas, por via das dúvidas, resolveu optar por uma resposta positiva, encorajadora – na pior das hipóteses seria uma mentira piedosa que Deus sem dúvida lhe perdoaria.

– Claro. E se você achar que o abacate não é bastante doce, pode colocar açúcar. É coisa que não falta lá.

Com o que minha mãe se convenceu.

Saíram, por assim dizer, na última hora, em agosto de 1939; um mês depois começava a Segunda Guerra. Tanto os familiares de meu pai como os de minha mãe morreram em campos de concentração.

A viagem foi terrível. Eles viajavam no porão de um cargueiro, amontoados com dezenas de outros emigrantes. Grávida, minha mãe tinha de aguentar ainda o enjoo da viagem. Vomitava sem cessar; mas, neste duro transe, sustentava-a uma visão mágica.

O abacate.

Quando chegarmos lá, dizia ela a meu pai, a primeira coisa que você vai fazer é comprar um abacate. Não tenha dúvida, dizia meu pai, ele mesmo passando mal, será a primeira coisa. Finalmente chegaram ao porto de Santos, e minha mãe tornou a pedir: queria o seu abacate. Tão logo passaram pela emigração, meu pai saiu no encalço da sonhada fruta. Não falava uma palavra de português, e não tinha moeda do país – só uns dólares – mas entrou numa fruteira e conseguiu entender-se com o dono, saindo de lá com um enorme abacate, que levou à minha mãe. Ela se atirou à fruta e comeu-a com casca e tudo – só deixou o caroço – diante do olhar assombrado de meu pai.

– Era boa? – perguntou, quando ela terminou.

– Mais ou menos – foi a desolada resposta. Pelo visto, as coisas no novo país não seriam tão fáceis como pareciam.

De Santos, seguiram para São Paulo, onde meu pai tinha amigos. Eram pobres, também, mas os acolheram; durante uns meses, o casal dividiu um quartinho com mais quatro pessoas. Meu pai, que tinha facilidade para idiomas, logo aprendeu umas palavras em português e começou a trabalhar, vendendo gravatas na rua. Pelo que deduzo das fotos que guardou, as gravatas eram medonhas, mas ele não tardou a descobrir que, para vendê-las, tinha de se colocar estrategicamente, em lugares onde pessoas precisam entrar de tal acessório: nas portas de bancos, de repartições, e, à noite (sim, porque o seu dia começava às sete da manhã e só terminava de madrugada) à frente dos teatros. Quem ia atrás de um empréstimo bancário, ou tinha de falar com um chefe de repartição, ou decidia de repente assistir a uma peça de teatro – todas estas pessoas encontravam no meu pai um vendedor solícito, e pronto a dar sugestões: compre esta, vai melhor com sua camisa. Sempre dava certo. Uma vez, um homem saiu tão contente de um banco – conseguira um excelente financiamento, segundo ele graças à gravata – que deu a meu pai uma enorme gorjeta, a título de agradecimento.

(O mais engraçado é que meu pai nunca usou gravata. Vendia-as, sim, mas não ousava colocá-las. Um homem baixinho e feio como eu só desmoraliza uma gravata, dizia, suspirando, e eu não posso desmoralizar o meu ganha-pão.)

Vender nas ruas não era uma ocupação sem perigo. Uma vez ele foi assaltado – entregou o dinheiro, mas não as gravatas –, outra vez foi atropelado por um ciclista.

Minha mãe se inquietava, de modo que, logo que ele pôde, comprou uma lojinha no Bom Retiro. Agora já não vendia só gravatas, mas também cuecas, meias, camisas, à vista, a prazo, de qualquer jeito. Minha mãe ajudava na loja e tomava conta da casinha que tinha alugado. Fazia milagres no orçamento doméstico; as sobras de comida, por exemplo, eram sistematicamente reaproveitadas. Havia coisas que eles não compravam, como lençóis. Minha mãe ia à padaria, ganhava de presente sacos de farinha. Desmanchava-os e, costurando vários, fazia um lençol. Brancos eles eram, mas tinham também o logotipo do moinho que fabricava a farinha – o que, segundo minha mãe, mulher bem-humorada, era o equivalente de uma grife.

Com muito sacrifício criaram os filhos. Éramos quatro, dois rapazes e duas meninas. Eu era o segundo. Meu irmão mais velho, David – Dado –, era uma fonte de desgosto permanente: não quis estudar; jogava, meteu-se com más companhias, foi até preso. Desde pequeno era rebelde; aquele, constatou meu pai, não seria o filho que realizaria os seus sonhos. De modo que tornei-me o depositário de suas esperanças.

Esperanças que ameaçavam também se frustrar: eu era um péssimo aluno. Não que me faltasse inteligência; ao contrário, segundo todos os professores da pequena escola judaica que eu frequentava (frequentava em termos, porque em matéria de faltar aulas poucos me batiam) eu era brilhante. Mas gostava muito mais de andar pelo centro da cidade, olhando as lojas e – isto é difícil de acreditar, mas é verdade – indo à biblioteca. Eu não gostava

de estudar, não gostava de cumprir obrigações, mas gostava de ler. Aos quinze anos, já tinha devorado todo o Monteiro Lobato, todo o Jorge Amado, todo o Robert Louis Stevenson; mas ameaçado de repetir o ano.

Meu pai não sabia o que fazer. Brigava comigo todos os dias, chamava-me de vagabundo, de irresponsável, dizia que eu estava seguindo o rumo de meu irmão, e acabaria me tornando um marginal como ele. Eu retrucava que ele não tinha nada de se meter na minha vida, se quisesse que me mandasse embora de casa. Minha mãe tentava acalmar-nos, minhas irmãs pequenas choravam – era um pandemônio. Chega de barulho, gritavam os vizinhos.

Meu pai achou que estava na hora de terminar com aquilo. Mas não sabia o que fazer. Foi então falar com seu França.

Seu França era o gerente do banco em que meu pai descontava as duplicatas e fazia empréstimos. Era um homem de idade e tido, por seus clientes, como um sábio; muita gente lhe pedia conselhos, não só em relação a dinheiro, como a problemas familiares.

Olhos semicerrados, seu França ouviu em silêncio a história que meu pai contava. Pensou um pouco e deu seu diagnóstico:

– Este garoto precisa de disciplina.

Sugeriu que meu pai me colocasse no Colégio Padre Juvêncio.

O Padre Juvêncio era famoso justamente por isso, pela disciplina. Seus alunos – não muitos, a seleção era rigorosa – obtinham as melhores notas nos vestibulares;

de lá tinham saído empresários, profissionais liberais, políticos famosos. Era um colégio caro – e era um colégio católico. Normalmente, isto teria sido suficiente para fazer meu pai desistir, mas ele estava tão desesperado e confiava tanto no seu França, que decidiu, ao menos, tentar.

Voltando para casa, anunciou que eu iria mudar de colégio. Quando minha mãe soube que se tratava do Colégio Padre Juvêncio, teve um ataque. Meu pai não era um homem religioso, mas ela vinha de uma família de rabinos, e não podia suportar seu filho num colégio góí, não judaico. Porque góí, para minha mãe, era sinônimo de malignidade. Tendo vivido sempre nos restritos círculos de convivência judaica, e tendo passado por terríveis experiências, ela desconfiava de todos os estranhos; que, imaginava, passavam os dias maquinando meios de perseguir e exterminar judeus. Seu desespero, ainda que explicável, era impressionante:

– Você quer me matar! – gritava. – Você me trouxe da Lituânia para me matar aqui, bandido! Você é pior que os nazistas!

Correu para a cozinha, pegou uma faca, felizmente não muito afiada:

– Eu me mato! Eu me mato!

Ajudado pelos vizinhos meu pai conseguiu, a custo, contê-la. Levaram-na para o quarto, onde ela ficou chorando. Voltando para casa, eu soube do que tinha acontecido e tive um ataque de fúria: não iria para o Padre Juvêncio de maneira alguma. Preferia abandonar os estudos. Até meu irmão, que nem convivia com judeus, me apoiou.

Mas meu pai mostrou-se inflexível, o que era até surpreendente, naquele homenzinho em geral cordato. O seu França tinha falado, e o seu França sabia o que dizia, não errava nunca. Eu iria para o Padre Juvêncio.

E eu fui para o Padre Juvêncio.



MEU PAI ME ACOMPANHOU no primeiro dia de aula. Insisti em que ele não fosse, aquilo só iria me complicar. Mas ele insistiu. Provavelmente estava com sentimentos de culpa, e como todas as pessoas culpadas queria fazer algo para se redimir. Fomos.

O Colégio Padre Juvêncio, o Juva, como era conhecido entre seus alunos, ficava em Higienópolis, entre antigas mansões. Colégio quase centenário, funcionava num prédio maciço, cinzento, reformado várias vezes (e ficando mais feio a cada reforma).

Entramos, passamos pelo grande pátio. Vários grupos de rapazes ali (o colégio era exclusivamente masculi-

no), todos nos olhando: eu morria de vergonha. Foi um alívio chegar à secretaria onde nos recebeu o padre Otero. Ele era o responsável por minha turma, a 71. De imediato gostei daquele homem baixinho, troncudo, enérgico mas simpático; senti que teria nele um aliado e não me enganava. Tão logo meu pai se foi, ele voltou-se para mim:

– Antes de você ir para a aula tenho uma coisa a lhe dizer.

Hesitou um instante, e continuou:

– Não sei se você sabe, mas você é o primeiro israelita a cursar este colégio, desde que ele foi fundado. Isto vai lhe causar problemas; aliás, discutimos muito na direção por causa de você. Alguns achavam que devíamos aconselhar você a procurar outra escola. Eu lutei para que você fosse aceito.

Nova pausa. Olhou pela janela, de onde se via o pátio.

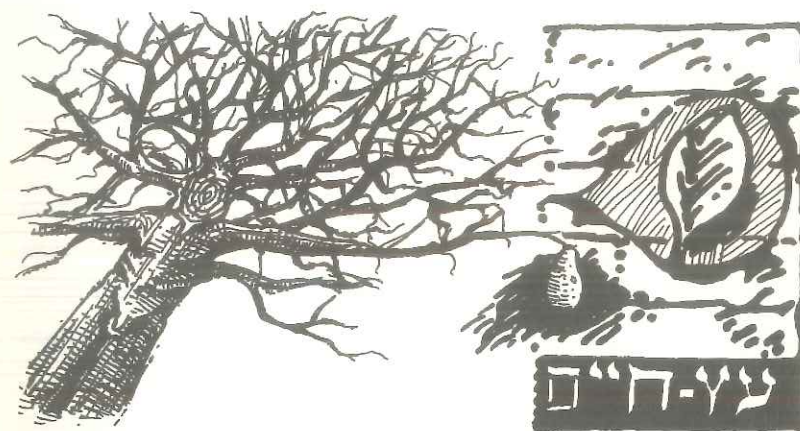
– Nossos alunos são todos filhos da classe alta. Fazendeiros, industriais, a nobreza do país. Está na hora de a gente abrir o colégio, foi o que eu disse na reunião da direção. Estes meninos só convivem entre si, não conhecem outras pessoas. Concordaram a contragosto. E acho que você terá problemas. Vão gozar com sua cara, vão lhe hostilizar, talvez tentem até bater em você. Uma coisa eu lhe peço: aguentar. Não é só por você. É pelo colégio. É até por essa rapaziada, para que eles melhorem como pessoas. Você promete? Promete que vai ficar firme?

Sem muita convicção – que diabo, além de dar duro nos estudos, eu ainda teria de enfrentar os nojentinhos – prometi. Ele sorriu:

– Ótimo. Agora vamos. Vou lhe levar até a aula.

Quando lá chegamos, os alunos – havia quarenta e dois naquela turma – já estavam todos sentados, assistindo à primeira aula, que era justamente Religião. O padre Otero pediu licença para apresentar-me:

– Este aqui é o novo colega de vocês. O Mardoqueu.



POIS É. Este é o meu nome, Mardoqueu Stern. E agora vocês sabem por que eu não comecei a história dizendo “Meu nome é Mardoqueu”. “Call me Ishmael”, diz Herman Melville, no começo de *Moby Dick*, mas Ishmael é um nome até aceitável perto deste estranho Mardoqueu. Que não nasceu do acaso. Meu pai queria homenagear a memória de meu avô, que se chamava Mordecai. Quando foi me registrar o homem do cartório achou estranho e sugeriu que ele mudasse para um nome mais parecido com os brasileiros. O resultado foi esse Mardoqueu. Em casa abreviado para Mardo – mas, na rua, as brincadeiras que tive de aguentar! “Mardoqueu,

pior que o meu nome só o teu.” “Mardoqueu, nunca ganhou, só perdeu.”

Naquela manhã foi uma gargalhada só. Os caras me olhavam e se cutucavam: Mardoqueu, isso é nome? O padre Otero optou por sorrir, mas era um sorriso amarelo. Ele tinha razão: a coisa ia ser difícil.

E não só por causa da gozação. Gozação era o de menos; bem ou mal, eu podia aguentar, já estava acostumado. Mas o pior estava por vir, eu sabia. Afinal, eu tinha atrás de mim a experiência de séculos de perseguição e sofrimento, à qual se acrescentava a minha modesta contribuição; vez por outra – no sábado de Aleluia, com certeza – éramos perseguidos por bandos de garotos que vinham de outros bairros não para malhar o Judas, para malhar a nós. E malhavam bem: numa dessas ocasiões fui parar no pronto-socorro com o braço quebrado.

Estava claro que eles não riam só do nome. Estava claro que eles riam do judeuzinho. Mesmo sendo o primeiro dia de aula, todos sabiam – estes eficientes canais de comunicação que funcionam nos colégios – da novidade: havia um judeu no Juva. E, se fosse só riso, eu até me daria por satisfeito. Mas eu estava seguro, dolorosamente seguro, de que não perderia por esperar.

Começou já no primeiro intervalo.

Na minha aula havia um rapaz chamado Felipe. Filho de um riquíssimo industrial, era um líder nato, tanto que depois veio a fazer uma bem-sucedida carreira política. A seu redor havia sempre um cortejo de admiradores, prontos para obedecer às suas ordens. E mandar era uma coisa que ele sabia fazer: Fulano, vá ao bar e me

traga um refrigerante. Beltrano, você vai fazer o trabalho de História para mim.

Estávamos no pátio. Eu, temendo o pior, me refugiara num canto. De repente um garoto veio me chamar:

– O Felipe quer falar com você. Ele está ali, perto da árvore.

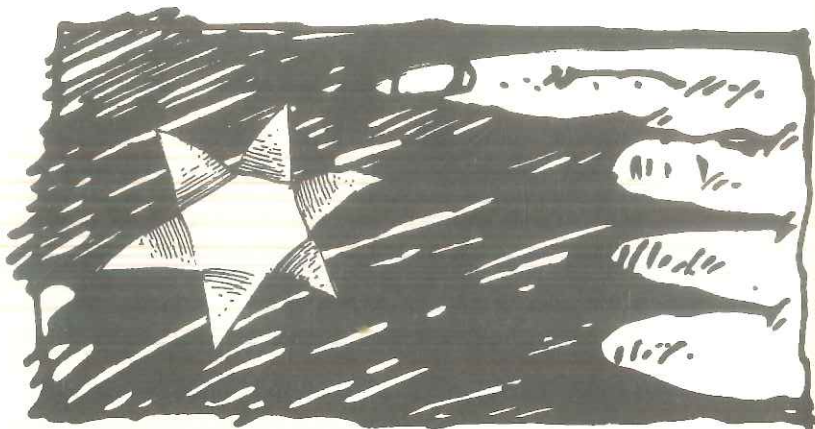
(A árvore era o lugar onde habitualmente ficava, rodeado da corte, dando ordens e submetendo os seus comandados a pesados gracejos – que despertavam imediatas gargalhadas.)

Fui. Por quê? Na escola do Bom Retiro eu não obedecia a ninguém, nem mesmo aos professores (muito menos aos professores). Mas ali, no Juva, fora do meu território, eu me sentia intimidado, desamparado, acovardado. Fui.

O Felipe era um rapaz bonito, rosto de artista de cinema, cabelos ondedados e muito bem penteados. Corpo de atleta – praticava vários esportes, era campeão juvenil de esgrima. Baixinho – mais baixo até do que eu, e nunca fui alto – mas isto não se notava, tão aristocrático era seu porte. Olhou-me de cima a baixo, em silêncio. Finalmente, sentenciou:

– Não queremos judeus neste colégio. Você tem uma semana para desaparecer. Senão – fez um gesto significativo – vamos te capar.

Os amigos riram, deliciados. E antes que eu pudesse dizer qualquer coisa, antes que alguém pudesse dizer qualquer coisa, a campainha soou.



VOLTAMOS PARA A AULA, mas não é preciso dizer que eu não conseguia prestar atenção a nada. Para onde me voltasse, via olhares ameaçadores, ou debochados, ou ambos. Quando finalmente as aulas terminaram eu corri para casa.

Normalmente, o que eu faria? Entraria em casa como um tufão, apontaria um dedo acusador para meu pai, gritando, você é um idiota, você só arranja confusão. Ao invés, corri para o quarto, tranquei a porta, atirei-me na cama e chorei, chorei como há muito tempo não chorava. Meus pais, inquietos, batiam à porta: abra, Mardo, abra. Achavam que eu estava doente, e num certo sentido

estavam certos: eu estava mesmo doente. Minha doença chamava-se medo. Minha doença chamava-se vergonha. Minha doença chamava-se raiva.

Raiva, sim. Eu estava com medo, eu estava com vergonha, mas estava principalmente com raiva. E foi a raiva que me deu forças. Foi a raiva que me fez ficar de pé, enxugar as lágrimas e decidir: vou à luta, se eles pensam que vão me ganhar no grito, estão muito enganados. Podem me capar, mas vão ter que me matar primeiro.

Respirei fundo, abri a porta: meu pai e minha mãe estavam ali, alarmados. O que aconteceu, perguntou meu pai. Nada, respondi, não aconteceu nada. Não insistiu. No fundo, sabia o que tinha se passado. Como a gente de sua aldeia que fingia ignorar o nazismo – não se deve falar no diabo, para que ele não apareça – ele optava por fechar os olhos. O que me deu pena; pobre homem, dominado por seus terrores, a única coisa que o sustentava era a esperança de uma vida melhor para os filhos. Não, eu não poderia partilhar meu sofrimento com ele – nem com minha mãe, ou meus irmãos, ou meus amigos do bairro. Eu tinha de enfrentar aquilo sozinho. E enfrentaria.

Na manhã seguinte, quando cheguei ao colégio, encontrei Felipe e seu grupo no átrio de entrada. Seguramente estavam me esperando, porque um deles – uma iniciativa para agradar o chefe – barrou-me o caminho:

– Você ainda está por aqui, judeu? O Felipe não disse que era para você desaparecer?

– Não vou desaparecer – respondi, irritado com o tremor de minha voz – merda, eu não podia pelo menos

fingir coragem? – Vocês vão ter de me aturar. E agora faça o favor de sair da frente.

Ele não saiu, eu o empurrei. Perdeu momentaneamente o equilíbrio, mas logo em seguida se recuperou, e veio para cima de mim como uma bala: ah, judeuzinho de bosta, eu mostro a você. Antes que nos atracássemos, porém, a campainha (bendita campainha, pelo jeito fora instalada para me salvar) soou, o bedel apareceu:

– Que história é essa? Parem já com essa briga e entrem, senão eu chamo o diretor.

De momento eu estava salvo, mas a guerra agora estava declarada. Não seria uma guerra aberta, que não interessava ao astuto Felipe. Ele sabia que o padre Otero me defendia; por outro lado, não queria me transformar numa vítima, num mártir. Não, ele acabaria comigo de outro jeito.

Partiu para o terror. Depois daquele dia, cada vez que eu voltava do intervalo, encontrava meus livros rasgados, meus cadernos riscados. Uma vez colocaram uma lagartixa na minha pasta, outra vez um camundongo. Nas aulas de Educação Física era quase certo de que alguém – por acidente – esbarraria em mim me derrubando. No futebol, minhas canelas eram um alvo predileto. Passei a jogar como goleiro – e mais de uma vez fui chutado quando, agarrando a bola, caía no chão. Não adiantou mudar para o basquete: no *jump*, recebia cotoveladas que quase me quebravam as costelas.

Mas eu resistia. Eu cerrava os dentes e resistia. Não só isto, como surpreendentemente comecei a me tornar um bom aluno. Não faltava mais às aulas, estudava sem

parar, caprichava nos trabalhos – para satisfação de meu pai que, ignorando o que se passava, atribuía tudo ao efeito mágico da disciplina. Você viu?, ele dizia triunfante à minha mãe, você viu como eu tinha razão? Ela não respondia; talvez desconfiasse de alguma coisa, mas, como tinha sido vencida na disputa com meu pai, permanecia num silêncio ofendido. Enquanto isso, eu ia progredindo. Minhas notas eram as melhores, os professores me elogiavam – até mesmo o de Religião: eu sabia tudo sobre o Novo Testamento. O que deixava Felipe possesso. Sua fúria chegou ao auge com o concurso de desenho.

Era uma tradição do Juva, uma homenagem ao padre Juvêncio, que tinha sido excelente ilustrador de livros infantis. Todos os anos havia um concurso de desenhos. Os melhores trabalhos eram expostos no salão nobre, e o primeiro lugar ganhava um troféu. Desenhar era uma coisa que eu sabia fazer bem, e eu tinha muita vontade de ganhar o concurso: seria uma humilhação para os meus inimigos. O tema me perturbava, contudo: Cristo na cruz. (Bem, mas o que queria eu? Jeová criando o mundo? Não resolveria: eu não era muito chegado à divindade judaica, distante, misteriosa, imprevisível – e que, ademais, não admitia ser retratada.)

Desenhar Cristo não me seria fácil. No Bom Retiro, Jesus era uma figura pouco presente, mas ali, no colégio, fazia parte do cotidiano. Para mim, um penoso cotidiano; constantemente eu era lembrado de que meus antepassados tinham acusado Cristo, que meus antepassados tinham pedido a morte de Cristo. Uma culpa que insensivelmente eu ia assumindo – e ampliando: eu era o réu. Eu tinha

vendido Jesus por trinta moedas, eu o tinha conduzido preso, eu o havia crucificado. Aqueles imensos cravos que o fixavam na cruz? Eu os pregara, manejando a marreta com cruel diligência. E a dor terrível que ele sentira, quando o ferro lhe transfixara as carnes, essa dor fora eu quem lhe infligira. E não adiantava fingir inocência. Cada vez que, em aula, se falava na morte de Cristo, olhos acusadores voltavam-se para mim: foi você, judeu Mardo, foi você quem matou o Divino Mestre, você queria se livrar dele porque preferia a usura à verdadeira fé. Forno crematório era pouco para os meus crimes; eu tinha de queimar para sempre nas chamas do inferno – onde o meu lugar estava reservado, o próprio diabo esperando-me impaciente.

Como poderia eu desenhar o rosto de Cristo? Como poderia eu atrever-me a tanto? O chão sem dúvida se abriria a meus pés, o teto cairia sobre minha cabeça. Eu brincava com isso, mas no fundo tinha medo, o milenar terror que herdara de meus antepassados. Foi, contudo, a astúcia – também milenar – desses antepassados que me ajudou a resolver o dilema. Um dia, em casa, olhando o álbum da família (e não deve ter sido por acaso que eu fui procurar o tal álbum) ocorreu-me a solução. Eu desenharia Cristo, sim – mas usando como modelo uma foto de meu avô quando era jovem: a barba e o olhar melancólico tornavam-no muito parecido com Jesus. Trabalhei dias e noites, mas o resultado me deixou satisfeito: Cristo e meu avô, a síntese perfeita estava ali.

Ganhei o concurso. O prêmio me foi entregue no salão nobre. Lotado: o comparecimento era obrigatório. O diretor fez um pequeno discurso, salientando a impor-

tância do evento, depois chamou-me, apresentou-me como vencedor e entregou-me o prêmio, uma estatueta representando o padre Juvêncio. Soaram alguns educados aplausos. O diretor perguntou se alguém queria fazer uso da palavra.

– Eu – disse o padre Otero, levantando-se.

Foi até o microfone. Estava obviamente feliz com o resultado do concurso; elogiou-me, disse que a minha premiação mostrava o quanto o colégio tinha avançado no caminho da tolerância e da compreensão. A mensagem de Cristo, bradou, não se dirige só aos cristãos, dirige-se a todos. Os alunos ouviam em silêncio.

De repente avistei Felipe. Sentado numa das primeiras filas, ele me olhava fixo. A expressão de seu olhar me deu, confesso, um calafrio. Era ódio, ódio mortal que eu via em seus olhos. Estava terminada a fase de escaramuças: agora ele faria qualquer coisa para vingar-se do que considerava uma afronta pessoal. Eu não perdia por esperar.

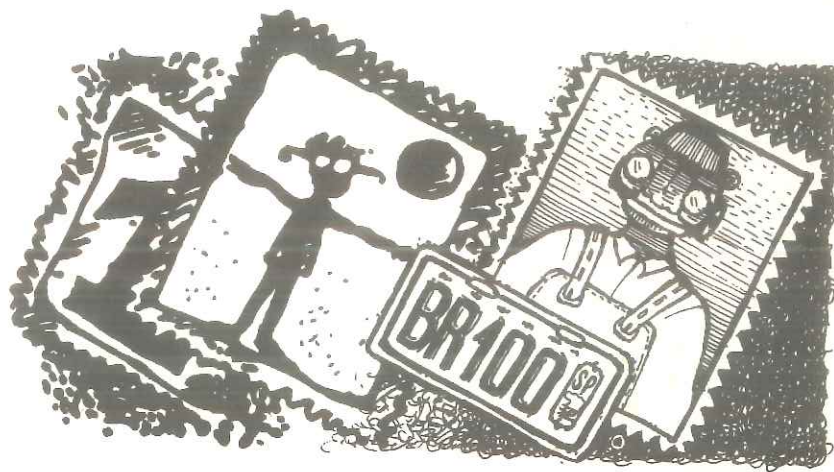
No dia seguinte, meu desenho tinha desaparecido da exposição no salão nobre. Em seu lugar havia um bilhete: “Não fico num lugar onde os judeus mandam. Assinado: Jesus Cristo”.

O padre Otero decidiu que aquilo era demais. A seu pedido, os alunos foram reunidos no salão nobre. Muitos ali nem sabiam o que tinha se passado; com expressão alterada e a indignação transparecendo na voz, padre Otero disse que o colégio tinha sido cenário de – seus próprios termos – um ato vil e covarde. Mostrou o bilhete, rasgou-o. Depois, apontando para o

lugar onde até então estivera o meu desenho, disse que as aulas seriam suspensas a partir do dia seguinte, se o trabalho não voltasse ao lugar. No dia seguinte, Cristo (meu avô) estava ali, devidamente afixado. Felipe não era tolo: brigar comigo era uma coisa, brigar com o colégio inteiro – e havia muita gente que não gostava dele – outra, muito diferente.

Mas os bilhetes continuaram aparecendo. No quadro de avisos, na porta de uma sala de aulas, até no banheiro. Nunca eram dirigidos contra mim; tratava-se de trechos do Novo Testamento: “Ai daquele que trai o Filho do Homem! Seria melhor para este que não tivesse nascido”. O que deixava o padre Otero desconcertado. Ele não poderia se manifestar contra uma passagem de Mateus, embora soubesse bem o que estava por trás daquilo. Felipe era realmente muito esperto.

Os exames do meio de ano, e depois as férias, acabaram me dando uma trégua. Quando voltei às aulas, descobri que já não estava sozinho no papel de bode expiatório.



HAVIA UM GAROTO novo na aula. Chamava-se Carlos. Era negro e usava óculos.

Como eu, Carlos fora admitido graças ao padre Otero. O pai dele, consultor jurídico de uma grande estatal, tinha sido transferido de Salvador para São Paulo. Era um homem que ganhava bem, e queria colocar o filho num bom colégio, mas encontrava dificuldades – por razões óbvias. Chegara ao Juva sem muita esperança. Por acaso o padre Otero estava na secretaria no dia em que o doutor Antônio viera em busca de uma vaga. Na realidade, não havia lugar para o garoto; mas mexendo daqui, mexendo dali, o padre deu um jeito. E lá estava o Carlos.

(A mim chamava a atenção não só o fato de ser negro, como de usar óculos. Tínhamos um jogo, na minha infância: colecionávamos finais de placas de automóvel. Começávamos pelo um e tínhamos de chegar até o cem. Um torneio de absoluta confiança: valia a palavra do colecionador. Que, em contrapartida, tinha de aceitar uma estranha penalidade: se avistasse um negro de óculos era obrigado a começar de novo. Por que um negro de óculos? Porque eram raros. E por que eram raros? Ora, porque eram pobres. Porque não liam. Mas disso eu só me daria conta mais tarde. Quando Carlos entrou na aula, a única lembrança que me ocorreu foi a do jogo infantil. Mal podia eu imaginar que a curta visão do rapaz desempenharia um papel importante na minha vida.)

Como tinha feito comigo, padre Otero veio apresentá-lo à turma. Nesse momento olhei para Felipe. Sua expressão agora não era de ódio, mas de frio desprezo. Vi-o murmurar qualquer coisa ao ouvido de um de seus amigos. Não era difícil adivinhar o que tinha dito: este colégio está cada vez pior, até negros aceitam.

Carlos não começava, portanto, sob o melhor dos signos. Outros problemas viriam juntar-se à – de início – surda animosidade. Ele tinha dificuldades em acompanhar o puxado curso: o colégio de Salvador não lhe dera muita base. Sentava-se a meu lado (por acaso? Não tão por acaso?) de modo que eu podia constatar o esforço que fazia para entender as explicações dos professores. Era um menino magro, franzino, cuja expressão de permanente sofrimento antecipava sempre uma tragédia. Que acabou acontecendo.

Foi na prova de História. O professor era o padre Atanásio, conhecido como ralador. Exigia que soubéssemos de minúsculos detalhes: datas de todas as batalhas, nomes completos de todos os personagens. A prova constava de cinquenta perguntas, difícilíssimas.

Estávamos ali, quebrando a cabeça, quando de repente levantou-se o Pedro (conhecido como Pedro Cacete, porque de cada três palavras que usava uma era “cacete”: a minha bicicleta é do cacete – conheci uma menina do cacete), apontou para o Carlos:

– Padre Atanásio, olha ali o cara colando.

Feito o quê, sentou-se, e de imediato voltou-se para o Felipe – de cuja turma fazia parte. O chefe sorriu aprovadoramente.

Irritado – era chato como professor, mas não gostava de delatores – o padre Atanásio dirigiu-se para Carlos que fitava-o assustado. Num gesto rápido, o padre introduziu a mão sob a carteira do rapaz e tirou de lá o livro de História. Aberto.

– Como é que você explica isto? – indagou, severo.

Carlos estava agora aterrorizado. Não conseguia sequer falar.

– Não sei – balbuciou por fim. – Não sei por que o livro está aberto.

– Vou ter de recolher sua prova – disse o padre. Felipe e seus amigos aplaudiram, deliciados. Aí eu me pus de pé.

Eu sabia que Carlos não estava colando. E sabia também o que tinha acontecido: o rapaz estudara até o último segundo, e quando o padre entrara, simplesmen-

te colocara o livro sob a carteira – aberto. E foi isto que eu disse ao padre. Que vacilou, sem saber o que fazer. Voltou-se para o Pedro Cacete:

– Você viu o Carlos colando?

Pedro Cacete agora já não estava tão senhor de si. Seguramente queria agradar ao Felipe, e a muitos outros ali, humilhando publicamente o negro; mas não tinha a cara de pau suficiente para sustentar a acusação.

– Acho que vi – gaguejou.

– Acha? – O padre insistia. – Acha ou tem certeza?

Fez-se um pesado silêncio. Pedro Cacete estava tão tenso que até suava.

– Não – disse por fim – não tenho certeza.

Sentou-se, arrasado – e não faltaram vaias para saudar sua derrota: a hostilidade de Felipe e seus comandados estava longe da unanimidade.

A partir daquele dia ficamos amigos, Carlos e eu. Não foi só o incidente que nos uniu; foi a consciência de pertencermos ambos à categoria dos perseguidos. E vinha bem na hora, aquela amizade, porque eu andava um bocado sozinho: no Bom Retiro, já não tinha mais turma – era considerado ovelha desgarrada, e não faltava quem me considerasse traidor. O mesmo valia para meu pai, a quem os amigos censuravam: você não deveria fazer isso com seu filho. Até fregueses ele tinha perdido por causa disto. Mas, homem teimoso, permanecia firme em sua determinação: coloquei o meu filho num bom colégio, pouco me importa se é de padres, de freiras, de rabinos ou da umbanda.

Carlos e eu nos ajudávamos nos deveres de casa, estudávamos juntos para as provas. E trocávamos confi-

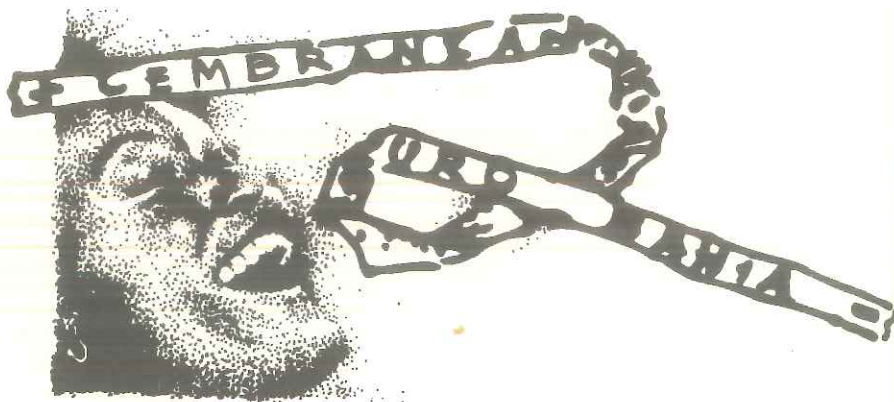
dências: ele se queixava muito da hostilidade de nossos colegas. Como eu, tinha pensado em abandonar o colégio; como eu, decidira resistir: esses caras têm de aprender que negro é gente.

– Como é que com você não tenho problemas? – perguntava.

Mas havia problemas. Por incrível que pareça, eu, membro de um grupo vítima do preconceito, tinha de lutar contra o meu próprio preconceito, contra a sensação de estranheza e até de desconforto. Hesitei muito, mas acabei contando isto a ele. Não se zangou, ao contrário: se você tivesse me dito que nunca notou a cor da minha pele, eu não acreditaria, disse.

– Você é honesto comigo, Mardo – disse, com os olhos úmidos. – E eu lhe agradeço.

Um dia convidou-me para ir almoçar em sua casa. Aceitei o convite, que mudaria a minha vida.



A FAMÍLIA MORAVA num apartamento em Pinheiros. Edifício antigo, mas bem conservado. O apartamento era grande, e todo decorado com objetos do folclore baiano, estatuetas, quadros, e até uma foto impressionante, mostrando uma moça em transe.

– Sua gente é do candomblé? – perguntei.

Carlos sorriu: não, meu pai não acredita nisso, acha que é superstição, mas como gosta de folclore, trouxe estas coisas.

O pai e a mãe estavam no *living*, o pai lendo jornal, a mãe tricotando. Carlos apresentou-me:

– Este é o amigo de quem falei a vocês, o Mardo.

Grato por ele não ter mencionado o meu nome, senti-me imediatamente à vontade. O pai, o doutor Antônio, era um homem alto, forte, de rosto enérgico ainda que agradável. Como o filho, usava óculos; aliás, a mãe também: para os colecionadores de números do Bom Retiro, a família seria um desastre.

Convidaram-me a sentar, ofereceram-me refrigerantes. Eu estava intimidado, mas eles eram pessoas agradáveis, sabiam como pôr o visitante à vontade. A conversa girou sobre amenidades; perguntaram se eu conhecia Salvador, eu disse que não. O doutor Antônio apanhou um livro sobre a cidade, mostrou-me fotos: isto aqui é o Pelourinho... Esta é a igreja do Bonfim...

– Você precisa conhecer Salvador – dizia Carlos, entusiasmado. – Você vai ver que lugar espetacular.

Estava feliz por eu ter vindo. Um sentimento compartilhado pelos pais: o fato de Carlos ter um amigo evidentemente aliviava as apreensões deles quanto ao colégio. O pai mostrava-se particularmente satisfeito; falou muito, lembrou seus tempos de estudante, contou histórias engraçadas. Lá pelas tantas olhou o relógio:

– Desse jeito, Luiza, o nosso convidado vai morrer de fome. Vamos almoçar?

Ela pediu que esperássemos um pouco; faltava Ana Lúcia.

Da irmã, dois anos mais velha que ele, Carlos não tinha me falado muito. Mesmo porque eu não perguntava: por alguma razão, não tinha curiosidade em conhecê-la.

Mas quando a porta se abriu – é ela, disse a mãe, agora podemos almoçar – fiquei galvanizado.

Era linda. Oh, Deus, era linda, a Ana Lúcia. Tipo *mignon*, rosto belíssimo, corpo sensacional. A custo disfarcei minha perturbação enquanto Carlos dizia, este aqui, mana, é o Mardo, de quem lhe falei.

Como vai, disse ela, sorrindo. Aproximou-se e me beijou. Juro por Deus, qualquer Deus, o do Antigo, do Novo ou do Novíssimo Testamento, que quase desmaiei.

Fomos todos para a mesa, mas eu, fascinado, nem tocava no prato. A mãe de Carlos, preocupada, perguntou se eu não gostava de comida baiana; quem sabe eu queria um bife, ela poderia fazer num instante. Gaguejei uma explicação qualquer, embaraçado; como podia dizer à boa senhora que era sua filha que me perturbava? Que tinha, instantaneamente, me apaixonado: ninguém notou nada, ou, se notaram, fingiram não notar. Eu voltei para casa – felizmente não havia ninguém – tranquei-me no banheiro, e lá a possuí, em imaginação, uma, duas, três vezes, em variadas circunstâncias e posições.

Devo dizer que, até aquele momento, meus contatos com mulheres restringiam-se a semanais incursões a bordéis. Na verdade, minha iniciação deu-se relativamente tarde – e eu podia agradecê-la a meu irmão: meu pai não sabia nem como falar sobre sexo comigo. Mas o Dado, graças àquilo que meus pais, revoltados, chamavam de “vida de malandragem”, era experiente; corria um boato no Bom Retiro, aliás, segundo o qual ele era sustentado por uma mulher. Tentou ajudar o irmão mais moço; levou-me a um bordel elegante que funcionava

numa mansão frequentada por gente fina. A experiência, infelizmente, não foi das melhores. A moça que ele me apresentou, e que era muito gentil e bem-educada, tratou-me com a maior sensibilidade – mas a minha ejaculação não foi precoce, foi precocíssima, a ponto de ela se espantar:

– Já? – perguntou, admirada. E preocupada: só faltava o Dado irritar-se com ela por causa de uma suposta inabilidade. Eu disse que não tinha importância, que era rápido no gatilho, mas que isto não diminuía o meu prazer. Mentira: saí dali frustrado. E o pior ainda estava por vir.

Dias depois notei uma ardência ao urinar. Falei ao meu irmão, que não quis acreditar: não é possível, será que você pegou gonorreia?

– E eu paguei uma nota para a vagabunda! – gritava, indignado. – Uma nota!

Mas não se preocupe, acrescentou, eu sei como resolver este problema. Levou-me a uma farmácia no centro, e tentou explicar o caso em voz baixa ao velho farmacêutico. O homem, infelizmente, era surdo:

– O quê? Arde quando mija? Claro que é gonorreia. Quando é que ele esteve com a mulher? Há quatro dias? Pois então: gonorreia no duro.

As três ou quatro pessoas que estavam ali me olhavam, mal contendo o riso. Uma senhora de idade, contudo, mostrava-se ultrajada: pouca vergonha, resmungava, pouca vergonha.

– Nem numa farmácia a gente está protegida desses tarados.

A história, felizmente, terminou bem; apesar dos modos bruscos, o farmacêutico era competente. O antibiótico que nos vendeu curou-me rapidamente da doença.

Contudo, eu estava traumatizado. Não, traumatizado não; eu estava decepcionado. Tinha planejado entrar na vida sexual ao som de sublimes melodias, e só ouvia acordes desafinados. Dado, sentindo-se culpado, insistia: eu deveria repetir a experiência, ele sabia de um bordel onde as moças passavam por exame médico, lá seguramente não haveria problemas. Eu disse que precisava um tempo. E de fato, só meses depois fui procurar uma mulher. Aí já tinha aprendido a usar camisinha e meu desempenho não só era bom, como entusiasmava algumas das chamadas meninas da casa.

Contudo, depois de um certo tempo aquela rotina já não me satisfazia. Eu queria me apaixonar. Eu queria ir para a cama, sim, mas com a mulher dos meus sonhos. E quem era essa mulher dos meus sonhos? Bom, não tinha aparecido. Não faltavam garotas no Bom Retiro, e várias me lançavam olhares significativos; feio eu não era, ao contrário, era um garoto bonito, e, se não era um atleta como o Felipe, também não dava para desengonçado.

Agora, porém, eu estava apaixonado. Irremediavelmente apaixonado. Antecipava as complicações que viriam? Não sei. Naquele momento eu só pensava em minha paixão.

Terminado o almoço, ficamos todos sentados no *living*. O doutor Antônio despediu-se – estava na hora de voltar para o escritório – a mãe foi descansar e ficamos os três ali conversando. Conversando é modo de dizer;

só o Carlos falava. Ana Lúcia era quieta; sorria, apenas, ouvindo as engraçadas histórias do irmão. Seu sorriso, Deus, iluminava a sala; simplesmente não podia tirar os olhos dela.

– O que é que você vai fazer no sábado à noite? – perguntou Carlos, quando levantei para ir embora.

Eu não tinha programa algum, mas mesmo que tivesse, renunciaria a qualquer coisa, se fosse para sair com a Ana Lúcia. E era:

– A gente vai ao cinema. Você quer vir junto?

Claro que eu queria. Ela então se levantou, disse que tinha de ir para o colégio; beijou-me de novo e se foi.

Quando voltei para casa, naquele dia, ia saltando e cantando pelas ruas, as pessoas me olhando como se eu estivesse maluco (e estava. Maluco de paixão.). Minha mãe estranhou, quis saber por que eu estava tão contente. Para ela, o estado natural do ser humano era o sofrimento; sofria desde que acordava de manhã até o momento em que ia dormir. Dormir, modo de dizer: ela nunca dormia. “Dormiu bem, mamãe?” “Nada. Não dormi nada. Não preguei olho a noite inteira.” Sofria durante a semana e no fim de semana, sofria no inverno e no verão, sofria, sofria. A imagem que eu tenho dela em minha infância é esta: pano amarrado na cabeça, queixando-se de enxaqueca – mas varrendo a casa ou lavando os pratos. Sofria, mas não se entregava.

Eu não podia dizer à minha mãe que estava apaixonado; “paixão” era uma experiência desconhecida para ela. Sabia do que se tratava, claro; via a novela de tevê todos os dias – era um ritual sagrado – e derrama-

va abundantes lágrimas, mas tinha bem clara a diferença entre novela e vida real. Galãs e mocinhas apaixonados, só na tevê; o cotidiano era feito de pratos a lavar e chão a varrer. Se eu falasse do que estava sentindo, da emoção que me invadia, ela me julgaria doente e me levaria imediatamente ao doutor Finkelstein, que escutava com paciência as queixas das mães do Bom Retiro. Com meu pai a mesma coisa. Ele e minha mãe se amavam, mas à maneira deles; não podiam passar um sem o outro, mas jamais dariam vazão às suas emoções. Quanto ao meu irmão, imediatamente perguntaria, olhos brilhando, sorriso safado: "E você já trepou?". Trepou era, ao fim e ao cabo, o que importava. O resto era conversa fiada, era cantada.

Foi para minha irmã de seis anos, Ruth, que eu contei o que se passava: estou apaixonado, eu disse. Ela quis saber quando era a festa de casamento e se haveria bolo de chocolate. Quando eu disse que ainda não estava pensando no assunto, se desinteressou.

Isto foi na quinta-feira e eu comecei a contar as horas que me separavam da noite de sábado. As horas, não: os minutos. Muito antes de o cinema começar, eu já estava na porta – tínhamos marcado encontro ali – esperando, ansioso. O tempo passava, eles não apareciam, e eu rezava (a quem? A Cristo? A Jeová?) para que nada tivesse acontecido. Finalmente apareceram e ela estava linda, num vestido verde. Cumprimentamo-nos timidamente e – eu, claro, já tinha comprado os ingressos – entramos. Carlos, que enxergava mal, queria sentar na frente, ao passo que ela preferia as fileiras de trás. Então

você dois fiquem aí, ele disse (casualmente? Com alguma intenção?) que eu vou procurar um lugar mais adiante.

Sentamos. Que calor, eu disse. Não estava calor, mas eu tinha de dizer alguma coisa (e talvez estivesse me referindo a meu calor interior, não sei). Saquei o pacote de balas azedinhas, ofereci-lhe. Ela serviu-se de uma, colocou-a um instante de encontro aos lábios – ah, como eu invejei aquela bala – e introduziu-a delicadamente na boca. Neste momento a luz se apagou.

Que filme era? Já não lembro. O que sei é que, vinte minutos depois, dei início a uma série de complicadas manobras.

Primeiro, passei o braço por trás do encosto de sua cadeira (um gesto que provocou um resmungo impaciente do homem sentado atrás de nós). O encosto era de metal – frio contato, pouco romântico – mas a sensação era o que importava; e a sensação que eu tinha era, bem, de posse: abraçando-a, ela era minha.

Meu braço foi subindo pelo encosto. Lentamente. Quando eu digo "lentamente" é "lentamente": lentidão capaz de fazer um caracol parecer campeão de corrida. O que aconteceria quando eu a abraçasse? Como reagiria? Eu sabia de um amigo que tentara uma investida semelhante e recebera um tapa na cara em pleno cinema. Ana Lúcia não tinha jeito de quem iria me esbofetear; mas, e se fosse tomada de súbita e sacrossanta indignação? Se de repente se pusesse de pé, gritando, transtornada, cai fora, judeuzinho sem-vergonha?

Não. Não foi isto o que fez. Quando nossas peles finalmente se tocaram, o calor dela subitamente me invadindo e se apossando de mim, ela continuou imóvel;

não, até se aconchegou a mim, ou pelo menos foi esta a impressão que eu tive. De qualquer jeito, até ali tudo estava indo bem.

Desencadeei então a operação pegar-a-mão. Minha mão esquerda – ela estava à minha direita – começou a avançar em direção a seu braço. De novo, a progressão lentíssima; felizmente, tratava-se de um filme de longa-metragem, eu tinha tempo. Finalmente, a polpa de meus dedos tocou seu braço – que não se afastou. Minha mão desceu, e isto já era uma carícia, ao longo do braço, chegou ao antebraço (braço, antebraço: com esta nomenclatura eu estava familiarizado, tinha estudado o corpo humano em Ciências) e finalmente a mão. E então a mão dela agarrou a minha, e de mãos dadas ficamos.

Tínhamos nos tornado namorados. Fazíamos parte da imensa cadeia de apaixonados que, desde o começo dos tempos, se sucede sobre a face da Terra: homens e mulheres que se descobrem, se amam, e depois desaparecem, não sem passar adiante a tocha flamejante da paixão, para outros que também vão se descobrir e se amar.

Ela me olhou. Eu a olhei. Na semiobscuridade os seus olhos luziam. Ela aproximou seu rosto do meu, sua boca da minha, e eu a beijei. Foi um beijo rápido, fugaz (e se o homem atrás berrasse, vamos parar com este agarramento?), mas era o meu primeiro beijo... Oh, Deus, era o meu primeiro beijo.

As luzes se acenderam e ficamos ali, sentados lado a lado, nós dois sorrindo e de vez em quando – mas só de vez em quando – nos olhando... Carlos apareceu:

– Então? Gostaram?

– Muito – ela disse, e riu. Ri também. Carlos nos olhava, meio surpreso; naquele momento não sabia ainda o que estava acontecendo, mas, é claro, já desconfiava; aliás, naquela mesma noite Ana Lúcia contou-lhe. Eram muito próximos, os dois, não tinham segredos. De início ele ficou muito contente, mas logo em seguida teve de confessar sua apreensão: vocês vão ter de brigar muito para manter o namoro, disse.



NÃO DEU OUTRA, como se pode imaginar. Um jovem judeu do Bom Retiro, uma jovem mulata baiana: não é um par que deixe de chamar a atenção.

Mas nós nada víamos de estranho, um no outro. A cor da pele? Há coisas que os olhos apaixonados não veem, e aquela era uma delas. Do mesmo modo, ela não via em mim o membro de um grupo estranho, muito menos o descendente de usurários ou dos matadores de Cristo. Eu era o Mardo; aliás; ela conseguia o milagre de transformar este medíocre apelido numa palavra de som doce e melodioso (de Mardoqueu nunca me chamou. Felizmente.).

Passeávamos pela cidade, de mãos dadas, íamos tomar sorvete, ficávamos conversando até tarde. E sobre o que falávamos? Sobre tudo. Ela me contava sobre Salvador: as praias, o Carnaval, o trio elétrico, Jorge Amado:

– Adoro os livros dele. Tenho vários, todos autografados. Muitas vezes falei com ele... E com o Caymmi, e uma porção de gente.

Comparado com a Bahia, o Bom Retiro não podia ser um cenário muito esplendoroso. Mas ela me fazia perguntas, queria saber como era a vida numa comunidade judaica:

– A minha vizinha dizia que os judeus têm parte com o demônio...

– E eu tenho?

– Não sei – ela ria. – Mas se você tem, eu quero ter também.

Pensou um pouco e acrescentou:

– Se a gente por acaso casar, eu me converto ao judaísmo. Se você quiser, claro.

Casar? Bem, ainda era uma coisa distante. Havia ainda um longo caminho a percorrer. Longo e difícil.

Um domingo tomamos o ônibus e fomos à Praia Grande. Fazia tempo que eu não pegava sol e estava mais branco do que de costume. O contraste com o corpo dela era ainda mais visível. E então tivemos a primeira evidência de que, ao contrário do que diz o provérbio, nem todos amam os que se amam.

Estávamos caminhando na praia, quando um homem, que estava sentado na areia conversando com amigos, levantou-se e veio ao nosso encontro. Estava

bêbado; o andar era vacilante, ele mal se mantinha sobre as pernas. Mas o olhar que nos lançou estava cheio de ódio, de rancor:

– Branco com mulata, que história é essa? – gritou, numa voz pastosa, arrastada. – Hein? Que história é essa?

Deixa disso, gritavam os amigos, volte para cá, você não tem a ver com esse assunto.

– Como, não tenho a ver com esse assunto? – Ele, cada vez mais furioso. – Isto é falta de respeito! Onde é que já se viu? Você –

Não terminou a frase: no instante seguinte eu já estava sobre ele. Derrubei-o, esmurrei-o com vontade. Era um homem grande e gordo, mas bêbado como estava, e surpreso com meu ataque, não teve condições sequer de reagir. Perdão, choramingava, perdão.

A custo me arrancaram dali. Voltei-me para Ana Lúcia, que com o rosto oculto nas mãos, soluçava. Vamos embora, eu disse.

Entramos num bar, sentamos. Um rapaz veio perguntar o que queríamos. Pedi uma água mineral. Ele ficou me olhando. Levantei-me, já alterado:

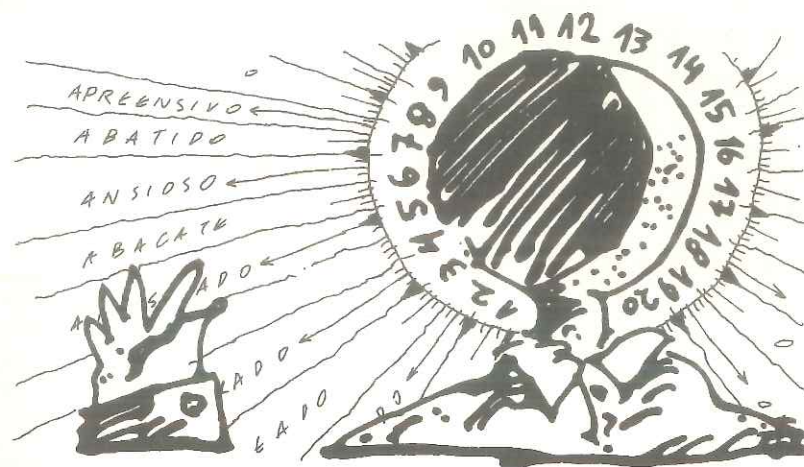
– O que foi? Não está gostando de alguma coisa?

Por favor, gemia Ana Lúcia, por favor.

Eu só queria saber se vocês vão comer alguma coisa, disse o rapaz, assustado, e foi-se.

Tornei a me sentar, abracei Ana Lúcia. Por algum tempo ficamos ali, em silêncio. De vez em quando ela soluçava.

Já não tínhamos vontade de ficar na praia. Vestimo-nos e voltamos para São Paulo.



A PARTIR DAÍ as coisas se precipitaram. Um dia, no colégio, Carlos entregou-me um bilhete. Era do pai dele. Precisava falar comigo, pedia que passasse em seu escritório depois das aulas.

– O que é que ele quer? – perguntei. Carlos desviou o olhar:

– Não sei.

– Mas você não tem ideia.

– Já disse que não sei – atalhou ele, e surpreendeu-me sua irritada secura. Era claro que ele sabia do que se tratava, e eu sabia que ele sabia; mas não queria conversar comigo a respeito. O que me deixou magoado. Porra, ele era meu amigo.

Não consegui mais me concentrar. Na aula de Matemática, o professor chamou-me a atenção duas vezes; tinha me chamado para o quadro-negro, eu nem escutara. Você está no mundo da lua, disse, impaciente. O que provocou risos na turma. O judeuzinho está ficando meio biruta, disse Pedro Cacete, em voz suficientemente alta para que eu ouvisse. Felipe sorriu, aprovador. Ele e seu grupo tinham nos dado uma trégua, a mim e a Carlos – o padre Otero ameaçara-os com suspensão. Sem dúvida, porém, sabiam o que estava acontecendo; esperavam só uma oportunidade para atacar de novo. Mas eu não tinha cabeça para pensar nessas coisas. O bilhete do pai de Ana Lúcia enchera-me de maus pressentimentos.

Mal terminaram as aulas, corri até o centro. O escritório ficava situado no último andar de um elegante prédio. Na recepção, uma secretária atendeu-me, comunicou-se pelo interfone com o doutor Antônio. Ele veio até a porta e me recebeu cordialmente, mas sem efusão. Fez-me entrar em sua sala – grande, bem decorada – mandou que eu sentasse. Fiquei ali, vendo-o dar ordens pelo telefone: sem dúvida era importante, ele.

Quando finalmente terminou, chamou a secretária, disse que não queria ser interrompido. Voltou-se para mim:

– Venha, vamos sentar ali no sofá.

Perguntou-me sobre os estudos, disse que estava muito satisfeito pelo fato de Carlos e eu trabalharmos juntos: “eu também estudava com um colega, isto desde o primário, era mais que um amigo, era um irmão”. Hesitou um instante:

– Era judeu. Como você.

Fiquei surpreso: judeus, em Salvador. Riu: a sua gente anda por toda a parte, você não sabia?

– A propósito...

Tinha chegado o momento. Ele estava visivelmente embaraçado; quanto a mim, “agoniado” é o termo que descreve melhor a minha ansiedade. Mas o doutor Antônio era homem de ir direto ao assunto – e direto ao assunto ele foi:

– Escute, Mardo, sei que você e a Ana Lúcia estão namorando. E antes de mais nada quero deixar uma coisa bem clara: gosto muito de você. Eu diria que gosto de você... como um filho. É, como um filho. Fico contente que meus filhos sejam seus amigos. Agora, essa história de namoro...

Agarrou-me o braço, olhou-me bem nos olhos:

– Acredite, isto não vai dar certo. Eu não duvido dos sentimentos de vocês; mas sou mais velho, tenho experiência da vida. Aos olhos de todos, você será sempre um branco, ela sempre uma mulata. E vocês vão sofrer muito por causa disso. Há muito preconceito neste país, Mardo. Não parece, mas é verdade. Você sabe disto. A Ana Lúcia me contou o que aconteceu na praia. Pois bem, isto é brincadeira perto do que vocês terão de enfrentar: as piadinhas de mau gosto, as ofensas, o isolamento. Meu conselho é que vocês terminem com o namoro, antes que se transforme numa coisa séria. Vocês são jovens ainda, logo esquecerão. Não me queira mal pelo que estou lhe dizendo. É para o seu bem e para o bem dela.

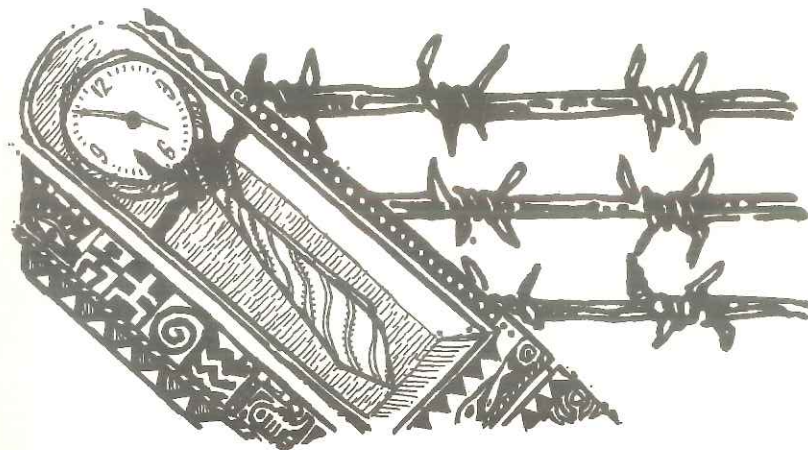
Calou-se. Por algum tempo o silêncio reinou na sala, um silêncio incômodo, opressivo.

– O que é que você me diz?

O que é que eu poderia dizer? “Muito bem, doutor Antônio, estou de acordo, vou terminar o namoro?” Não. Eu amava Ana Lúcia, e não a deixaria por nada no mundo. Nem precisei dar esta resposta; ele a adivinhou. Suspirou, sorriu:

– Está bem. De qualquer modo, estaremos ao lado de vocês.

Levantou-se, levantei-me também. Estendeu-me a mão, que eu apertei com força. E sem mais nada dizer fui embora.



FOI PENOSO, O ENCONTRO. Mas o pior ainda estava por vir.

Cheguei em casa no fim da tarde. Meu pai estava ali, o que me surpreendeu: ele costumava vir da loja bem mais tarde. E também minha mãe. Os dois sentados na sala de visitas, os dois de cara fúnebre – o que não antecipava nada de bom. Onde estão as meninas, perguntei, em parte porque queria saber – àquela hora elas sempre estavam por ali, brincando ou vendo tevê – em parte para romper o silêncio tumular. Estão na vizinha, foi a seca resposta de meu pai. Não adiantava indagar por meu irmão: há três dias não dava as caras.

– Sente – disse meu pai, mal conseguindo disfarçar o tremor na voz.

– Vou tomar banho.

– Depois. Depois você toma banho. Agora sente. Queremos falar com você.

Sentei. Imaginei que iam me perguntar que história era aquela de andar com uma mulata, se eu não tinha juízo etc. Mas não, não diziam nada. Não se olhavam entre si, não me olhavam. Era uma coisa surrealista; se eu estivesse vendo esta cena num filme, certamente pensaria em comédia. Mas não era filme. Infelizmente não era filme.

O tempo passava. O silêncio era só quebrado pelo ruído dos carros que passavam na rua e pelo tique-taque do grande relógio de pêndulo – uma das primeiras coisas que eles tinham comprado no Brasil e que, por alguma obscura razão, era então considerado símbolo de *status*.

Finalmente minha mãe falou. E sua voz tremia ainda mais que a do meu pai.

– Meus pais morreram num campo de concentração – ela disse. – Meus pais, minhas irmãs, todos morreram num campo de concentração.

Pausa.

– Muitos morreram em campos de concentração – continuou ela. – E muitos foram queimados nas fogueiras da Inquisição. E outros foram perseguidos, humilhados.

De novo se calou. Mexi-me na cadeira, inquieto:

– Escute, mamãe, quem sabe a gente...

Ela pôs-se de pé, completamente fora de si.

– Os góim! Os góim nos perseguem, os góim nos atacam, os góim não nos deixam em paz!

Oh, Deus. Fazia tempo que ela não falava nisto, nos inimigos que via em toda a parte: os góim, os gentios.

– E agora – voltou-se lentamente para mim – o meu filho, o meu próprio filho, a carne de minha carne, o sangue de meu sangue, quer abandonar a sua gente e juntar-se aos góim!

Ergueu os olhos para o teto:

– Mas por quê, Deus meu? O que fiz para merecer este castigo, Deus meu? Eu não fui, por acaso, uma boa mãe? Eu não cuidei desse filho? Eu não lhe dei de comer? Eu não passei noites em claro junto à cama dele quando estava com pneumonia e o doutor Finkelstein disse que ele precisava de muita atenção? Hein, Deus? Eu não fiz tudo que uma boa mãe deve fazer? Responda, Deus! Se eu errei, diga onde errei, Deus! Diga!

Sem levar muita fé naquela tentativa de comunicação com as altas esferas, meu pai correu para ela:

– Por favor, Ida.

Ela repeliu-o, furiosa:

– Por favor, nada! Por favor, nada! Não me toque, você! Você pensa que é inocente? É isto que você pensa? Que você não tem nada a ver com o que está acontecendo – é isto o que você pensa?

Riu, teatral.

– Ele pensa que me engana. Ele vem com os seus “por favor, Ida”, e pensa que me engana. Quem é que

colocou esse rapaz no colégio dos góim? Hein? Quem foi que fez isto? Fui eu? Responda. Fui eu? Hein? Fui eu?

– Ida... – Meu pai não sabia o que fazer.

– Não – ela, saboreando o amargo triunfo. – Eu não fiz isso. Podem me acusar de qualquer crime, menos desse. Eu queria que meu filho cursasse a escola judaica aqui no Bom Retiro. Queria que ele aprendesse nossa religião, nossas tradições. Muito bem, ele não era bom aluno, era indisciplinado. E daí? Por causa disso precisava tirar ele da escola, uma boa escola, e colocá-lo lá naquele Juva, Juba, Buba, sei lá como se chama? Precisava atirá-lo nos braços dos góim? Ah, mas é esperto, esse daí. Muito esperto. Tão esperto que ficou milionário. Ele é dono de uma cadeia de lojas, vocês sabiam? Ah, não é dono de uma cadeia de lojas? De que ele é dono, então? De uma lojinha? Uma lojinha no Bom Retiro? Ah, mas decerto é porque foi mal nos negócios. O que fazia antes? Vendia gravatas? Não pode ser. Esse gênio, essa inteligência gloriosa, vendia gravatas?

Deteve-se, ofegante, para logo em seguida continuar:

– Bem, então ele vendia gravatas. Não é qualquer um que pode vender gravatas, vocês sabiam? É preciso ter uma inteligência especial para isso. E foi com essa mesma inteligência que ele escolheu o colégio para o filho. Escolheu como quem escolhe uma gravata: hum, esta eu não gosto muito... Hum, esta me parece melhor... Foi assim que ele chegou ao Buba, Juba, Juva – nunca me lembro do maldito nome.

– Mas você sabe que o seu França... – Meu pai tentava desesperadamente salvar-se da avalanche de críticas.

– O seu França! Ah, é verdade! Como é que eu esqueci do seu França? Ah, sim, o seu França disse que o Mardo tinha de ir para o Buba, o Juba, sei lá o quê. O seu França disse. Mas, esperem um pouco: quem é o seu França, mesmo? É um grande professor? É um sábio, como o rei Salomão? Ah, não é? Mas o que ele é, então? Um gerente de banco? Ouvi bem? Gerente de banco? Não, estou enganada: deve ser o dono do banco. Não? Não é o dono? É o gerente mesmo? E o que é que gerente de banco entende de colégio, podem me dizer? O que é que gerente entende de colégio?

A essa altura, até eu já estava nervoso com aquela gritaria:

– Mamãe, pare com isso. Os vizinhos vão pensar que você enlouqueceu.

Olhou-me, com deliciado, doloroso espanto:

– Ah, os vizinhos vão pensar isto? Mas não é de admirar que eles pensem. Sabe por quê? Porque eu enlouqueci mesmo. Eu não entendo mais nada. Mais nada. Sabe o que é nada? Nada é nada. Eu não entendo mais nada. Não entendo por que seu pai tinha de ouvir o seu França. Não entendo por que ele tinha de tirar você da escola e colocar você lá no Buba, ou Juba, ou sei lá. Não entendo. E se eu não entendo, é porque eu fiquei louca. Antes, eu entendia alguma coisa. Da vida, eu entendia alguma coisa, afinal não foi pouco o que aprendi, a custa de muito sofri-

mento. Eu aprendi a valorizar o judaísmo. O judaísmo representa alguma coisa, você sabe? Representa alguma coisa. Se não para você, pelo menos para os nazistas. Eles mataram milhões por causa do judaísmo. Eles queriam matar a mim, e a seu pai, por causa do judaísmo. Então eu queria conservar esse judaísmo. Mas seu pai, essa grande inteligência, pensava diferente. Ele achava que você precisa de disciplina. Por isso você mudou para um colégio caro, um colégio de góim. E só podia dar no que deu. Você tem professores góim, você tem amigos góim, e agora tem uma namorada góim.

Ah, chegávamos ao ponto.

– Todo o mundo já veio me contar. Viram você na praia com ela, viram você na rua com ela. E todos não esqueceram de mencionar o detalhe: ela é mulata. Mulata. Oh, Deus.

Deixou-se cair numa poltrona soluçando. Ajoelhei-me diante dela:

– Mamãe, pelo amor de Deus!

Ergueu a cabeça, como se tivesse sido atacada por uma serpente:

– Deus? Não fale em Deus, ouviu? Você não é digno de falar em Deus! Você renegou o nosso Deus! Oh, Senhor, uma mulata. Já não bastava ser góim, tinha de ser mulata.

Olhou-nos:

– Já sei. Vocês devem estar achando que eu sou racista. Pois não sou racista, fiquem sabendo! Não sou racista. Adoro a Teresa, gosto de conversar com ela, considero-a amiga, irmã.

Teresa era a moça da farmácia, uma mulata risonha que aplicava injeções em nossa família. Em matéria de medicamentos, minha mãe só confiava em injetáveis; e em matéria de injeções, só confiava na Teresa.

– Agora: ela lá, eu aqui. Aliás, é a própria Teresa quem diz, a gente deve conhecer o nosso lugar. Isto é o que diz a Teresa, que é uma moça simples. Ela não é o seu França, nem a maravilha de inteligência que é o meu marido. Ela –

Levou a mão ao peito:

– Oh, meu Deus, estou me sentindo mal. Meu Deus, como eu estou me sentindo mal, meu Deus!

Aquilo também era previsível. Cada vez que minha mãe se aborrecia, passava mal. No começo, chamávamos sempre o doutor Finkelstein, e ele sempre dizia que eram os nervos. Mas, e se um dia não fosse ataque de nervos? Se um dia fosse o coração? Era uma ameaça permanente. Que meu pai não estava disposto a enfrentar: vou chamar o médico, anunciou. Ela deteve-o com um gesto:

– Não. Não precisa. Já estou melhor. Não é desta vez que eu vou. Não é desta vez. Talvez vocês quisessem me ver morta, mas terão de esperar um pouco mais. Não muito, eu prometo. Se esse aí – apontou-me um trêmulo dedo – continuar namorando a mulata, logo vocês terão um velório para se divertirem.

Dirigiu-se, vacilante, para a porta. Antes de sair, voltou-se:

– Não digam que eu não avisei. Vocês têm de escolher: ou eu ou a mulata.

Saiu, batendo a porta. Meu pai voltou-se para mim:

– Viu? Viu que confusão você criou?

Suspirou e acrescentou:

– Logo hoje. Você não sabe o dia que eu tive. De manhã recebi de volta dois cheques sem fundos; à tarde, estive um fiscal na loja e me multou, sei eu lá por quê. Aí sua mãe telefona, dizendo para eu voltar urgente para casa... Meu Deus, esse é um dia que eu gostaria de esquecer.

Nesse momento – e era só o que faltava – estava chegando meu irmão, com uma cara de quem tinha passado na farra os últimos três dias.

– Onde é que você esteve? – indagou, brusco, meu pai.

– Viajando – replicou ele. – Uns negócios que eu tenho aí no interior.

– Eu conheço seus negócios – replicou meu pai, azedo. – Os seus negócios eu conheço bem.

– Então não se meta – Dado, de bom humor. – O que é que houve, que está todo o mundo com cara de velório?

Meu pai hesitou, mas acabou contando. Meu irmão ouvia-o deleitado: era a primeira vez, em muito tempo, que ele tinha companhia no papel de vilão. Mas optou pela imagem de compreensivo:

– Ora, papai, deixe o Mardo. Se ele gosta da menina, qual é o problema? Você e a mamãe estão exagerando.

Meu pai não estava a fim de debater o assunto. Alegando dor de cabeça foi para o quarto. Meu irmão voltou-se para mim, com um sorriso condescendente:

– Qual é a sua, mano? Você não está agindo com a cabeça. Se você quer comer a garota, coma logo e largue de mão. Periga a velha ter um treco qualquer, um enfarte, uma porra dessas – e aí você vai ter remorso pelo resto da vida. Olhe, vou lhe contar um caso parecido que aconteceu comigo.

Mas eu não queria ouvir o caso que ele tinha para me contar. Não queria ouvir mais nada. Peguei a jaqueta e saí.

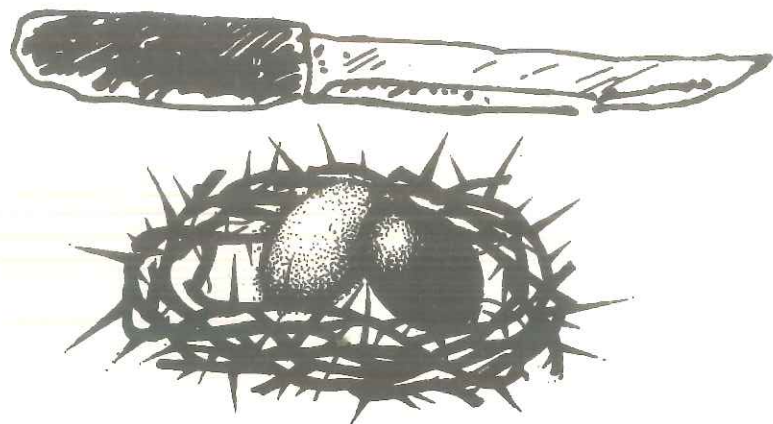


ANDEI HORAS PELAS RUAS, confuso e amargurado. Parecia um pesadelo, aquilo, o encontro com o doutor Antônio e depois a gritaria de minha mãe. Que merda, por que não nos deixavam em paz? Por que tinham de se meter daquele modo em nossa vida?

Era quase meia-noite quando cheguei ao prédio da Ana Lúcia. Pedi ao porteiro que a chamasse. O homem hesitou – não é meio tarde? – mas eu insisti, e cinco minutos depois ela aparecia. Desfeita, olhos vermelhos, abraçou-se a mim, sem dizer palavra. O abelhudo porteiro nos mirava, sorridente; vamos sair daqui, eu disse, vamos conversar em algum lugar.

Fomos para um bar ali perto, sentamos numa mesa do fundo. Ela simplesmente não conseguia falar; soluçava, às vezes. Parecia ter subitamente envelhecido, uma coisa que notei com consternação – e vergonha. Até então eu não tinha dado bola para a diferença de idade entre nós, mesmo porque eu aparentava mais do que tinha. O fato é que eu agora a via como uma estranha, o que me deixou alarmado: será que a amava mesmo? Será que o pai dela, e minha mãe, não tinham razão, que aquilo era apenas uma atração passageira? De novo, tive nojo de mim próprio: você não passa de um verme, Mardoqueu. Neste momento ela sorriu e a couraça de gelo que ameaçava me envolver instantaneamente se derreteu; era como se o sol brilhasse, naquele escuro bar. Nós estaremos sempre juntos, eu disse, e era do fundo do coração que saíam minhas palavras.

Era madrugada quando eu a deixei na porta do edifício. Depois fui para casa. E não ia cantando ou assobiando. Ia cheio de maus presságios. Que, como logo descobri, se realizaram.



UMA SURPRESA ME ESPERAVA no colégio: nova carta de Jesus Cristo. Desta vez não se tratava de um único exemplar afixado em lugar visível. Não, centenas de folhetos tinham sido impressos, e o bedel – prestativo e sádico ao mesmo tempo – tinha me guardado um. “Não posso mais tolerar esta situação”, começava a “carta”. E prosseguia: “O judeu e o negro se uniram. O judeu defendeu o negro, o negro retribuiu: entregou sua irmã à luxúria do outro. É um pacto, um pacto diabólico. Devem estar tramando a entrada de outros judeus e outros negros. Nosso colégio será tomado por eles, com a cumplicidade do padre Otero”. Seguiam-se várias dia-

tribes e a conclusão: “Quero que vocês os expulsem, como eu expulsei os vendilhões do templo, a chicote. Antes do fim do ano eles têm de estar fora do colégio”. Não terminei a leitura: alguém me bateu no ombro. Sobressaltado, virei-me, pronto para brigar. Mas era o bedel:

– O padre Otero disse para você ir direto à sala dele.

Foi o que fiz. O inusitado movimento nos corredores mostrava que todos tinham lido a carta – e estavam à espera do que ocorreria. À porta mesmo da sala do padre Otero havia um grupo, gente de minha turma e de outras. Um rapaz, que eu conhecia só de vista, pegou-me pelo braço:

– Não tenha medo, cara. Tem muita gente aqui de saco cheio com o Felipe e seus amiguinhos. Se precisar de ajuda, conte conosco.

Agradei e entrei. Carlos já estava ali, falando com o padre Otero. Assustei-me; habitualmente calmo, ele estava agitadíssimo, os olhos esbugalhados, suando abundantemente, embora fosse um dia frio. Padre Otero mandou que eu sentasse. Carlos de repente se calara, e em silêncio permanecemos por alguns incômodos segundos. Finalmente, o padre Otero levantou-se, abriu os braços:

– O que posso dizer para vocês? É um horror, isto. Um horror. Sou professor há vinte e dois anos, vi muita briga entre alunos, mas algo assim nunca tinha visto, palavra.

Levantou-se, pôs-se a andar de um lado para outro, na ampla sala. Parou, voltou-se para nós:

– Volto a dizer: não percam a calma. Nós vamos tomar providências. Sabemos quem fez isto, claro, mas vamos obter provas – e aí chamar os pais. Estamos preparados para expulsar meia dúzia, se for o caso. Mas, por favor, não reajam, não briguem. Ignorem. Nós vamos brigar por vocês.

Olhou o relógio:

– Agora, vão para a aula. No intervalo, não saiam. Eles tentarão provocar vocês para criar uma situação qualquer. Não saiam.

A campainha soou, ele nos segurou um instante, depois disse que podíamos ir. Seguimos pelo corredor em silêncio. Eu tinha tanta coisa a contar para o Carlos, queria falar sobre o encontro com o pai dele e a explosão de minha mãe; precisava ouvir a sua opinião de amigo, mas não havia a menor condição para isto. Ele nem falava comigo, tão tenso estava. Antes de entrar na sala de aula, respirou fundo, e, mandíbula cerrada, entrou. Fui atrás.

Fez-se silêncio, enquanto nos sentávamos. O professor, homem discreto, não fez comentário algum; aguardou que nos acomodássemos para continuar a aula. Olhei para os lados. Pedro Cacete, nervoso, tamborilava os dedos sobre o tampo da carteira, mas Felipe exibia o ar de enfado de sempre.

Seguiu-se outra aula – a atmosfera sempre carregada – e, por fim, o intervalo. Todos saíram. Carlos e eu ficamos, como o padre Otero nos pedira. Eu estava cada vez mais preocupado, não com a carta, com ele: seu olhar era francamente alucinado, ele resmungava qualquer coisa para

si mesmo, não respondia às minhas perguntas. De súbito, pôs-se de pé, num salto:

– Vou lá fora.

– Você está louco? – eu, alarmado.

– Louco porra nenhuma. Eu vou lá fora.

– Mas o padre Otero...

– O padre Otero não tem nada a ver com isto. A decisão é minha. Vou lá fora. Você fica, se quiser. Eu vou.

– Mas os caras...

– Os caras que se fodam. Se pensam que vou passar o resto da vida me escondendo, estão enganados. Vou lá fora. Você vem?

Não pensei duas vezes:

– Vou.

E de repente me deu uma alegria selvagem, uma espécie de vertigem, a vertigem que deve preceder o salto do paraquedista no vazio. Nós íamos lá enfrentar as feras – e agora que tínhamos resolvido, não tínhamos mais nada a perder, a não ser o medo. Foi o que eu disse ao Carlos. Ele riu, aprovador:

– Isto: nada a perder, a não ser o medo.

Abriu a porta.

Eles estavam ali, Felipe e seus amigos, e muitos, muitos outros: quase todo o colégio, eu diria. Evidentemente estavam esperando que saíssemos. Para fazer o quê? Difícil saber, mas confesso que me deu um calafrio. O próprio Carlos vacilou, mas foi um momento apenas: logo em seguida ele estava no corredor.

– Onde vai o nosso amigo crioulo?

Era o Felipe, e de novo aquilo me causou um sobressalto. Normalmente ele teria mandado um capanga

interpelar o Carlos; mas se ele mesmo estava tomando a iniciativa, era porque tinha algo em mente.

– Não é da sua conta – respondeu Carlos, seco.

Felipe voltou-se para o Pedro Cacete:

– Pedro Cacete, você viu como ficou saliente esse crioulinho? É o que eu digo sempre: fizeram mal em abolir a escravidão.

Gargalhada geral.

Carlos dominou-se a custo.

– Deixem-me passar – disse por fim.

– E onde é que você vai? – perguntou Pedro Cacete – agora que o chefe tinha se dirigido a ele, sentia-se na obrigação de prestar serviço.

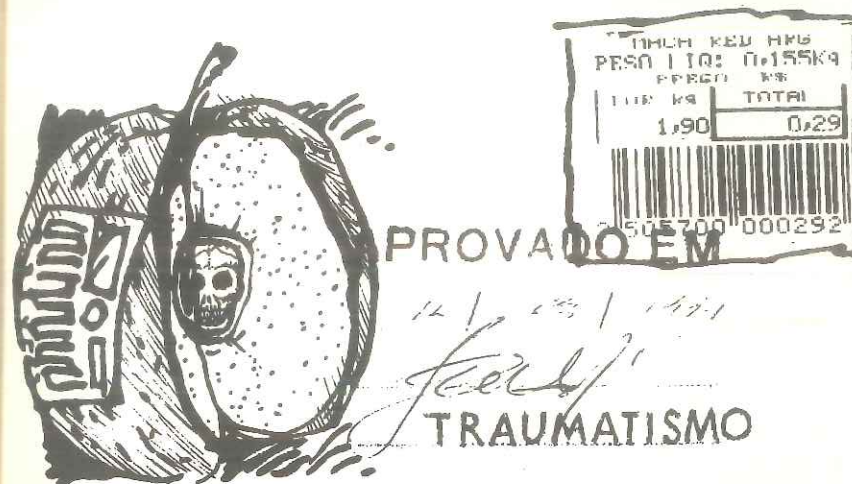
– Não é de sua conta. Deixe-me passar, senão...

– Senão o quê, crioulo?

Carlos não respondeu. Puxou a faca.

Eu conhecia aquela faca: fazia parte de seu equipamento de pesca (como o pai, ele se orgulhava de ser bom pescador. Aprendi na Bahia, dizia). Era uma faca grande, mas ele tinha conseguido escondê-la sob a jaqueta. Agora estava em sua mão. E tão ameaçador ele parecia que todos – Felipe inclusive – recuaram, dando passagem. Ele avançou...

Foi seu erro. Esqueceu a retaguarda. Ou talvez pensasse que a retaguarda estava protegida por mim, não sei. Só sei que de repente vi um cano de ferro nas mãos do Massa Bruta, um grandalhão particularmente temido pela crueldade; ele ergueu o braço, baixou-o – e um instante depois Carlos estava caído no chão do pátio, o sangue correndo-lhe da cabeça.



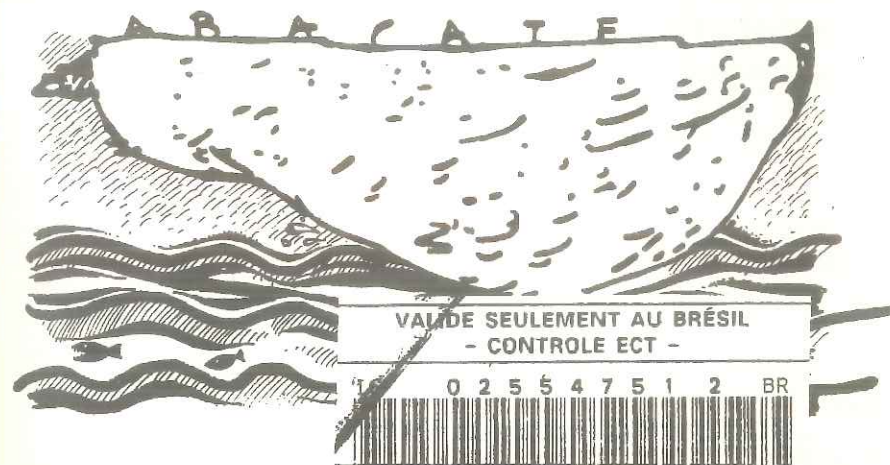
VEIO A AMBULÂNCIA, levaram-no às pressas para o Hospital das Clínicas.

É um caso grave, disse o médico ao padre Otero, é melhor chamar a família já. O próprio padre telefonou ao doutor Antônio. Pouco depois chegava toda a família. Ana Lúcia abraçou-se a mim, a mãe sentiu-se mal e teve de ser socorrida.

Durante dias praticamente não saímos do hospital. Eu só ia a minha casa para trocar de roupa. Não quis contar a meus pais o que tinha acontecido – estava muito zangado com eles –, mas no terceiro ou quarto dia tive uma surpresa. De repente apareceram no hospital:

vinham visitar o amigo de seu filho. Apresentaram-se, o doutor Antônio convidou-os a sentar na sala de espera. Não falaram muito, mesmo porque não havia muito a dizer, mas eu me senti grato a eles. Estava comovido – e surpreso. Minha mãe, decentemente vestida, não parecia a mesma; meu pai também tinha mudado, e não me refiro só à aparência. Foram muito afetuosos com todos, inclusive com Ana Lúcia, particularmente com Ana Lúcia; mais do que isto, voltaram ainda duas vezes ao hospital, minha mãe sempre trazendo maçãs (maçã para ela curava qualquer problema, incluindo traumatismo craniano).

Aos poucos Carlos foi melhorando. Recobrou a consciência; e, para alívio de todos, não havia sequelas. Logo estava conversando conosco; não lembrava bem o que acontecera mas, surpreendentemente, não tinha raiva do Felipe (àquela altura já expulso), nem do Pedro Cacete, nem de ninguém. O que me deixava indignado: porra, mas os caras quase mataram você! Ele sorria, não dizia nada.



LOGO DEPOIS que Carlos teve alta o doutor Antônio convidou a mim e a meus pais para um almoço na casa deles. Encarregou-me de transmitir o convite, o que fiz com certo receio: hospital era uma coisa, a casa, outra. Poderiam reagir com suspeição e até mesmo com desagrado: você está querendo nos envolver com aquela gente. De novo me surpreendi: aceitaram de imediato, minha mãe até com entusiasmo.

No domingo lá estavam. Minha mãe admirou-se com o belo apartamento; meu pai parecia intimidado pelo doutor Antônio, que era bem mais alto, elegante – e culto – do que ele. Conversamos um pouco, e então Ana

Lúcia anunciou que o almoço estava servido: comida baiana preparada por ela e pela mãe.

Era a primeira vez que meus pais comiam acarajé. Experimentaram com certo receio, gostaram, repetiram. Mas o clímax viria com a sobremesa, que era sorvete.

– Que coisa boa! – maravilhou-se minha mãe. – É sorvete de quê?

– De abacate – disse Ana Lúcia. – Uma receitinha simples, da minha avó.

– Receitinha simples? Eu nunca experimentei um sorvete tão delicioso. Nem sabia que se faz sorvete de abacate.

– É simples. Você pega dois ou três abacates, amassa bem, coloca seis colheres de açúcar e o suco de meio limão, adiciona um litro de leite, cento e cinquenta gramas de creme e leva ao congelador. Depois é só servir.

– Uma delícia – repetiu minha mãe. – Uma delícia. Vou querer esta receita.

Estava encantada, e eu também: era só de umas poucas amigas que mamãe aceitava receitas – para ela, tratava-se de um ato de cumplicidade, não apenas um intercâmbio culinário. O que ela estava dizendo a Ana Lúcia era exatamente isto, aceito seu sorvete e aceito você também.

Ana Lúcia sorriu, piscou o olho para mim. Quanto à minha mãe, agora mexia-se na cadeira, inquieta. Eu sabia que ela estava com vontade de contar a história do abacate, e não deu outra, mas no final acrescentou um detalhe que eu não conhecia:

– Quando terminei o abacate, e só Deus sabe como consegui engolir aquilo com a casca, fiquei com o caroço

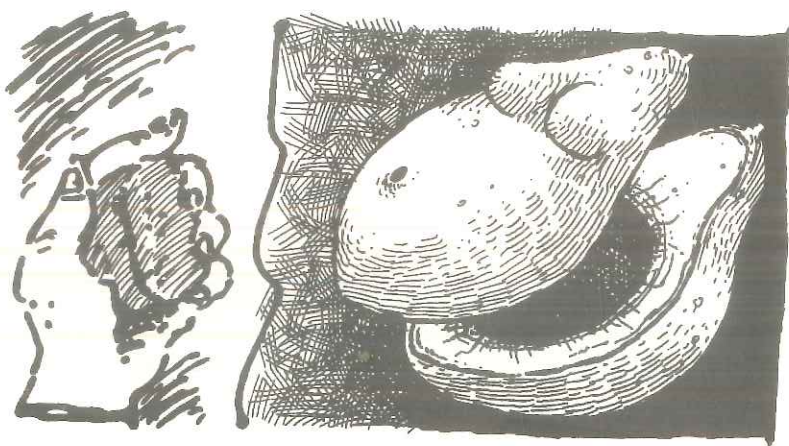
na mão. E aí tive uma dúvida: quem sabe o bom do abacate estava ali, no caroço? Quem sabe eu deveria comer o caroço também?

Olhou-nos, e havia lágrimas nos seus olhos:

– Não tive coragem. Aquele caroço enorme? Não tive coragem.

Pôs-se a chorar, meu pai consolando-a como podia, eu olhando a cena, constrangido, mas sobretudo comovido. De repente eu compreendia minha mãe. Sabia por quem chorava: pelos que tinham morrido nos campos de concentração, pelos que tinham sido perseguidos e humilhados. Mas chorava também por si mesma, pelos sonhos perdidos – pelo abacate de sua imaginação, que pendia, promissor, de alguma árvore, no longínquo território de sua infância. Chorava pelo caroço; o que contaria, aquele caroço? Que segredos revelaria a quem o comesse? Agora era tarde para saber e por isso ela derramava suas sentidas lágrimas.

Ana Lúcia, ao lado dela, passou o braço por seus ombros, abraçou-a. E naquele momento eu tive a certeza de que a nossa história, diferente de tantas outras, teria um final feliz.



E FINAL FELIZ foi o que esta história teve. Carlos e eu terminamos o curso no Juva, um colégio que hoje recebe negros e brancos, católicos, judeus, protestantes e budistas, rapazes e garotas. Fizemos ambos vestibular, ele para Direito, eu para Arquitetura – afinal, como eu disse antes, sempre fui bom no desenho. Ana Lúcia e eu nos casamos; ela não se converteu ao judaísmo, porque eu não pedi, mas, formada em Letras, dedicou-se a estudar literatura judaica e tornou-se autoridade no assunto. Temos dois filhos, dois excelentes garotos que fazem a alegria de minha mãe: desde que meu pai faleceu, vem nos visitar sempre. Gosta de cozi-

nhar para nós e sua sobremesa preferida é, claro, sorvete de abacate.

Meus filhos não vão passar pelo que eu passei, dizia meu pai, e estava certo. Não tivemos de passar fome, nem fomos ameaçados de extermínio. Mas de uma certa maneira eu repeti sua trajetória. Também eu tive de atravessar um oceano, também eu tive de descobrir um país que não conhecia. Ao qual, se tivesse de dar um nome, chamaria de O País dos Sonhos Improváveis. Sonhos que se ocultam no caroço de algum inocente abacate.

OBRAS DO AUTOR

Infantojuvenil

Cavalos e obeliscos. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1981.
[3. ed., 1989].

Memórias de um aprendiz de escritor. São Paulo:
Companhia Editora Nacional, 1984.

Introdução à prática amorosa. São Paulo: Scipione, 1988.

O tio que flutuava. São Paulo: Ática, 1988.

No caminho dos sonhos. São Paulo: FTD, 1988.

Os cavalos da república. São Paulo: FTD, 1989.

Pra você eu conto. São Paulo: Atual, 1991.



A hora certa – Eliana Sabino

A mais bela história do mundo – Fábio Lucas

A vida em pequenas doses – Elias José

Arca de Noé e outras histórias – Orígenes Lessa

As boas más companhias – Herberto Sales

Biba – Ary Quintella

Bola no pé – Maria Alice Barroso

Coração solitário – Maria Adelaide Amaral

Detetive fora de série – José Louzeiro

Dia de Aninha – Ciça Alves Pinto

Divina flor – Marcos Santarrita

Estórias da mitologia 1: eu, Zeus, o senhor do Olimpo – Domício Proença Filho

Estórias da mitologia 2: nós, as deusas do Olimpo – Domício Proença Filho

Estórias da mitologia 3: os deuses, menos o pai – Domício Proença Filho

Gamação – Ferreira Gullar

Lembranças amorosas – Francisco Gregório Filho

Memórias de um bandeirante – Sonia Sant'Anna

O asteroide – Lúcia Machado de Almeida

O bicho carpinteiro – Roberto Athayde

O portal das montanhas – Mara Carvalho

Por acaso – Edla van Steen

Um sonho no carogo do abacate – Moacyr Scliar

Uma aventura na floresta – Maria Clara Machado

Vida, paixão e morte do herói – Autran Dourado